

PSICOLOGIA DO ENVELHECIMENTO: UMA ÁREA EMERGENTE

Anita Liberalesso Neri

**Prof. Adjunto Depto Psicologia Educacional,
Faculdade de Educação
UNICAMP**

Até o início do século XIX vigoravam três noções pré-científicas a respeito de velhice:

- 1º) O Homem era um ser perfeito mas, tendo caído em desgraça por causa do pecado original, passou a ter que conviver com o envelhecimento e a morte.
- 2º) Em algum lugar distante na Terra, existem pessoas que detêm o segredo da imortalidade.
- 3º) Existe algures uma fonte milagrosa que restaura a juventude e o vigor dos mais velhos (Gruman, 1966, apud Birren e Birren, 1990).

A expansão das ciências ocorrida nesse século influenciou fortemente a Psicologia a procurar causas naturais para seus fenômenos, incluindo as características comportamentais dos adultos e as mudanças relacionadas ao envelhecimento.

Destaca-se no período a atuação do astrônomo e matemático Quetelet (1835), precursor da psicometria que se interessou pelas mudanças intelectuais e morais em adultos. Ao introduzir na ciência psicológica a noção de "indivíduo médio", influenciou Galton (1933) que, por sua vez, impulsionou a psicometria, forte tendência de pesquisa nas primeiras décadas do século XX (Birren, 1961).

O período 1914-1940 corresponde ao início da investigação sistemática do envelhecimento. O marco inicial foi a construção das primeiras baterias de testes para medir

CADERNOS DA ANPEPP

inteligência adulta, o Army Alpha e o Army Beta Tests, sob o patrocínio da American Psychological Association (Yerkes, 1921). Eles foram aplicados a 1.726.966 homens durante a 1ª Grande Guerra, visando-se a seleção de oficiais. Os resultados, segundo os quais a inteligência se desenvolve até a juventude, estabiliza-se até a 3ª década de vida, permitindo picos de realização intelectual até cerca de 35 anos, e depois começa a declinar, tiveram forte influência na Psicologia e na sociedade. Apesar das críticas ensejadas pela desconsideração de influências culturais e educacionais, o "modelo deficitário do desenvolvimento mental na vida adulta" prevalece até hoje (Lehr, 1988).

No entanto entre 1900 e 1940 pouco se investigou sobre o adulto. Com exceção das obras de Hall (1922), Buhler (1935), Pressey (1939), Cowdry (1939) e do grupo de pesquisa experimental de Stanford, criado em 1928 (Lehr, 1988), esses anos assistiram à expansão da Psicologia da Criança.

O interesse pela criança e o adolescente ocorreu no contexto da valorização de ganhos, crescimento e produtividade no indivíduo e na sociedade, na qual já se estabelecera o caráter involutivo, de perdas e estagnação dos anos mais avançados da vida adulta, a partir de dados psicométricos, experimentais e psiquiátricos e de formulações teóricas (Freud, 1905; Piaget, 1930, 1937, 1947, 1950, por exemplo).

A Psicologia possivelmente refletia preocupações sociais com produtividade, fracasso acadêmico, seleção e aperfeiçoamento de pessoal no trabalho, melhoria das relações sociais e familiares e compreensão de questões sociais, tais como a intolerância, o autoritarismo e o racismo.

De um modo geral vivia-se um período de ganhos na qualidade de vida das populações, com aumento da expectativa de vida ao nascimento, diminuição das taxas de mortalidade infantil e materna, incremento da longevidade e melhora nas condições de saúde, graças aos progressos da Medicina, à urbanização e à melhora das condições de trabalho.

CADERNOS DA ANPEPP

A primeira geração de psicólogos deste século ainda vivia e produzia, gerando novos quadros que só viriam a envelhecer nos anos 80 e 90.

A partir dos anos 60, vários países viveram mudanças demográficas que viriam a ter um grande impacto sobre os estudos da vida adulta e velhice. Foram três fenômenos: envelhecimento populacional, diminuição nas taxas de natalidade e vazão populacional na faixa etária correspondente às baixas masculinas da 2ª Guerra.

A esses fatores somaram-se as influências advindas da necessidade de empreender reformas educacionais para enfrentar as mudanças tecnológicas desencadeadas pela 2ª Guerra. Havia também o desafio tecnológico configurado pelo lançamento do primeiro satélite artificial soviético, em plena vigência dos conflitos ideológicos e econômicos do pós-guerra.

O então Ocidente pôs em marcha uma ampla reforma educacional que, entre outras coisas, lançava mão da reserva humana mais à mão na época, constituída principalmente por mulheres na faixa etária dos 40 anos. Este fato significou para a Psicologia do Desenvolvimento o desafio de compreender as características dessa clientela.

Simultaneamente os cientistas e os sujeitos que haviam participado dos primeiros estudos longitudinais dos anos 10 e 20 envelheciam e passavam a dedicar-se a investigações sobre o adulto.

Os anos 50 e 60 caracterizaram-se pelo aparecimento, expansão e consolidação de grupos de pesquisa dedicados a fazer investigações longitudinais sobre o adulto⁽¹⁾.

À época da emergência desses primeiros estudos não era clara a sua subordinação à uma área determinada em Psicologia ou Gerontologia. Os tópicos mais estudados eram aposentadoria, climatério, satisfação, depressão, atitudes em relação à velhice, relacionamento interpessoal e saída dos

(1) Vide citações à pág. 77

CADERNOS DA ANPEPP

filhos de casa. Como subproduto desses interesses criou-se uma nova categoria etária, a meia-idade, uma vez que a infância e a velhice já eram objeto de duas disciplinas bem estabelecidas, a Psicologia e a Gerontologia (Lehr, 1988). Além dos temas citados, a pesquisa empírica dos anos subseqüentes versou sobre questões sugeridas pelo feminismo, a revolução sexual, a ascensão da mulher no mercado de trabalho, os movimentos civis dos anos 60 no E.U.A. (Rossi, 1980).

O primeiro manual sobre os aspectos psicológicos do envelhecimento (Birren, 1959) foi publicado 28 anos após o primeiro manual de Psicologia infantil (Murchison, 1939). Seus capítulos mostram a organização convencional em torno de temas como percepção, aprendizagem e personalidade. Havia pouca conceituação integrativa quanto aos vários aspectos do comportamento, o que aliás caracteriza a área até hoje (Birren e Birren, 1990).

Atualmente a principal característica da Psicologia do Envelhecimento nos Estados Unidos e na Europa (principalmente Alemanha e Países Baixos) é a diversidade de temas, métodos e dados advindos não só da área, como de ciências adjacentes como a Sociologia e a Biologia.

Segundo Moody e Kenyon (in Birren e Bengston, 1988) essa abertura é excessiva, representando riscos de pulverização da pesquisa e confusão conceitual. Para outros autores, como Riegel (1977, apud Birren e Birren, 1990) a abertura é benéfica por abrir possibilidade de prosperidade intelectual, decorrente da convergência das áreas que atualmente lidam com o envelhecimento numa disciplina unificada: a Gerontologia. Ainda segundo o autor, a unificação deverá ocorrer a partir da interpretação dialética do curso de vida, a qual deverá levar em conta fatores ecológicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

A pesquisa sobre psicologia do envelhecimento cresce exponencialmente. A partir da década de 1970, vem dobrando a cada 10 anos (Birren e Birren, 1990).

Paralelamente, nesses países, já desde os anos 1960,

CADERNOS DA ANPEPP

crecem e se consolidam serviços profissionais de atendimento a idosos e seus familiares e de treinamento de profissionais e voluntários para atuar em saúde, educação, lazer, direitos, psicoterapia, acompanhamento, habitação, equipamentos, espaço urbano, nutrição etc.

A proliferação desses serviços tem sido responsável, em parte, pelo crescimento da pesquisa aplicada. A supervalorização dessa forma de atuação em detrimento da pesquisa básica pode porém prejudicar o avanço da área, se determinar a supremacia do empirismo que, de certa forma, sempre caracterizou a Gerontologia.

Felizmente, em paralelo, cresce a pesquisa básica e a teorização sobre questões emergentes como é o caso da Doença de Alzheimer hoje nos EUA. Consideráveis recursos financeiros estimulam os esforços de pesquisadores de várias áreas. Prevê-se em 10 anos, a geração de dados e de micromodelos, a exemplo dos já em desenvolvimento, sobre imunologia e estresse em familiares cuidadores de idosos de alta dependência (Vitaliano e col., 1991; Pearlin e col., 1989; Lawton, 1989 e Schulz e col., 1988).

Birren e Birren (1990)⁽²⁾ prevêem que, com o relativo declínio do behaviorismo e do operacionalismo em Psicologia, nos próximos dez anos deverão emergir tentativas mais claras de integração entre a Psicologia, a Biologia e a Sociologia, na compreensão do envelhecimento humano. Prevêem contribuições substantivas da Medicina, da Física (quanto ao conceito de tempo), da Ecologia e da Etologia (quanto ao envelhecimento de sistemas complexos). A questão central será a conciliação entre os conceitos de desenvolvimento e degeneração, organização e desorganização do comportamento.

A PESQUISA EM PSICOLOGIA DO ENVELHECIMENTO NO BRASIL

Os estudos brasileiros em Psicologia do Envelhecimento são escassos, esparsos e divulgados precariamente. Como

CADERNOS DA ANPEPP

ocorre em outras áreas, é mais fácil recuperar literatura estrangeira do que nacional.

Nove congressos nacionais de Geriatria e Gerontologia e cerca de duas centenas de eventos menores e localizados, realizados nos últimos 25 anos, produziram pouca literatura.

O acompanhamento direto desses eventos mostra também que neles não há um espaço definido para a Psicologia, cujos assuntos aparecem englobados numa única rubrica, **Gerontologia Social**, diferenciada de outra, **Geriatria**, porque esta reúne trabalhos clínicos, epidemiológicos e de teorização biológica sobre o envelhecimento, pertencentes ao âmbito da Medicina.

Em eventos científicos de Psicologia tampouco tem havido espaço exclusivo para velhice e envelhecimento.

A inspeção visual de 23 periódicos nacionais, no período 1986-1991 permitiu localizar 15 artigos. A maioria é de natureza opinativa ou analítica, ou então refere-se à pesquisa descritiva. Reportam-se a várias sub-áreas da Psicologia e nenhum se detém na análise do envelhecimento sob o prisma desenvolvimental.

Nas bibliotecas do Instituto de Psicologia da USP, do setor de Pós-Graduação da PUCSP e do Mestrado em Psicologia Clínica da PUCCAMP foi possível localizar 15 dissertações e teses, no período 1975-1990. A esses trabalhos somam-se outros 13 encontrados nas mesmas bibliotecas e na do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, sendo três em Enfermagem, dois em Saúde Pública, um em Terapia Ocupacional, um em Política Social, quatro em Antropologia e dois em Fonoaudiologia.

Para os objetivos deste trabalho, foram analisados os 15 trabalhos de mestrado e doutorado registrados como pertencentes ao domínio da Psicologia.

Foi feita uma leitura orientada para a identificação da fundamentação teórica, dos sujeitos, objetivos, procedimentos e resultados. O Quadro apresentado a seguir contém um resumo dos itens identificados.

CADERNOS DA ANPEPP

Segue-se a explanação de seis tendências gerais propiciada pela análise do material.

- 1ª) Não há linha ou linhas de pesquisa sistemática, mas trabalhos realizados de modo isolado e independente, focalizando temáticas psicológicas gerais, com relação a idosos, como por exemplo: papéis, auto-estima, auto-conceito, identidade com relação à aposentadoria, mudanças corporais e saída dos filhos de casa, dentre outros. Os trabalhos não apresentam preocupações com o processo do envelhecimento, nem fundamentação teórica específica à velhice. Predominam citações das áreas clínica, social e da personalidade.

Esta tendência replica de certa forma o que ocorreu há cerca de 30 ou 40 anos nos países produtores de conhecimento. A diferença é que lá estava-se realmente começando e aqui, hoje, já poderíamos nos basear em conhecimento existente.

Embora este não seja brasileiro, não há porque ignorá-lo, mesmo porque continuamos levando em conta formulações estrangeiras, só que ultrapassadas.

A questão é portanto de atraso no acompanhamento dos progressos da área fora do país. As razões são variadas e complexas, nos âmbitos econômico, ideológico e intelectual. É difícil apontar soluções, mas, se levássemos a sério a tarefa de pesquisar os últimos 5 anos de literatura, todas as vezes que fôssemos iniciar novo trabalho, a providência por si só se encarregaria de colocar os pesquisadores brasileiros em contato com os avanços teóricos e empíricos da Psicologia do Envelhecimento.

Seria desejável que os enfoques psicológicos emergentes, a exemplo das perspectivas de curso de vida, dialética e fenomenológica viessem a ser veiculadas no Brasil. Temas como cognição, sabedoria, memória e plasticidade são tópicos novos, sequer tocados pela nossa pesquisa. Áreas como qualidade de vida percebida e depressão, dentre outras, avançam graças a pesquisas e micromodelos que não podem ser ignorados pelo investigador brasileiro.

CADERNOS DA ANPEPP
CARACTERIZAÇÃO DAS DISSERTAÇÕES E TESES

REFERÊNCIA	FUNDAMENTOS TEÓRICOS	OBJETIVOS
<p>WEYNE, V. C. de (1975). Estado sobre psicoterapia de velhos. Dissertação de Mestrado em Psicologia, PUC, Rio de Janeiro.</p>	<p>Psicanálise (Freud) - O eixo da problemática psicológica do velho é o ressentimento, o ódio, a frustração. - É impossível mudar pessoas de mais de 40 anos.</p>	<p>- Não se aplica, pois não se trata de uma pesquisa, mas sim de uma dissertação sobre a experiência teórica e clínica da autora.</p>
<p>BOSI, E. (1979). Memória e Sociedade: lembranças de velhos. Tese de Livre Docência em Psicologia Social USP.</p>	<p>- Bergson (sobre memória), temporalidade e ideologia. - Hartmann sobre relações entre memória e vida social. - Memória, sonho e memória-trabalho. - Simone de Beauvoir.</p>	<p>- Registrar a memória pessoal, social, familiar e grupal de antigos moradores da cidade de São Paulo.</p>
<p>SILVA, A.S.B.P. de (1981). Vivência da menopausa. dissertação de Mestrado em Psicologia, PUC-Rio de Janeiro.</p>	<p>- Psicanálise (Freud) a perda das funções reprodutoras dirigindo a catexis libidinal para o Ego. - Possibilidade de narcisismo e história. - Perdas biológicas e quanto à identidade. - Formação da classe média urbana de Belo Horizonte num passado e sem horizontes x menopausa e aposentadoria. - Preconceito social e científico quanto à menopausa.</p>	<p>- Investigar sentimentos e expectativas de mulheres após a menopausa.</p>
<p>OLIVEIRA, M.J.T. de (1982). Aposentadoria. Sinônimo de crise? Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, PUCCAMP.</p>	<p>- Psicanálise (Erikson). - Psicologia Social. - Sobre questões de identidade narcisismo, vínculos, lutas em relação à aposentadoria como evento de transição. - Influência do grupo, da família, dos amigos, da história passada na resolução da crise. - Marginalidade social e pobreza do velho, por causa da improdutividade.</p>	<p>- Verificar até que ponto a aposentadoria pode ser vivida como uma situação crítica ou de estagnação, devido ao valor social do trabalho ou se o indivíduo pode encontrar outras formas de se relacionar produtiva e criativamente nessa nova etapa de vida.</p>

CADERNOS DA ANPEPP
SOBRE VELHICE NOS P.G. EM PSICOLOGIA DE 75 A 90

SUJEITOS	PROCEDIMENTOS	RESULTADOS
8 idosos de mais de 70 anos.	Entrevista livre, nos moldes do método antropológico.	Para o adulto ativo a memória é lazer, arte e fuga. Para o velho é função social e educativa. Prazer pelo retorno ao passado em virtude do senso de ineficácia no mundo atual. Não é ideologia saudosista, mas valorização do trabalho evocado.
15 mulheres acima de 50 anos - do lar, funcionárias públicas e professoras.	Entrevista.	Para as 15 mulheres a menopausa significa medo, insegurança, interdição, masculinização, doenças, doras, cirurgias, hipocondria, perdas, velhice, esterilidade biológica e social, perda da feminilidade e negação da sexualidade.
16 ex-ferroviários das Cias. Paulista e Mogiana de Estradas de Ferro, com 1 a 10 anos de aposentadoria, tendo vivido a experiência de unificação na FEPASA.	Entrevista semi-estruturada.	<ul style="list-style-type: none"> - Idealizações sobre a carreira e a aposentadoria. - Sentimentos de desvalorização quanto à carreira e a aposentadoria. - Preocupação com a morte. - Vãem possibilidade de reestruturação pessoal, via dedicação a grupos assistenciais. - Maior integração e reestruturação entre os mais ajustados em relação à velhice e à morte. - Inocenso profissional e vivência da aposentadoria como problema. - 13 sujeitos viveram sua aposentadoria como trauma.

CADERNOS DA ANPEPP

REFERÊNCIA	FUNDAMENTOS TEÓRICOS	OBJETIVOS
SILVA, S.A.F.R.de (1983). Corpo tutelado da velhice. dissertação de Mestrado em Psicologia Social, PUCSP	- Sociológicos (marxismo) Na sociedade de consumo só o corpo produtivo e útil é reconhecido. A representação do corpo do velho é de passividade, inércia, degeneração, asexualidade, doença, fraqueza, incompetência. - O velho deve ser tutelado e a velhice negada porque pronuncia morte.	- Verificar as condições de vida em asilo.
MEDEIROS, E.A.C (1983). Mulher na terceira idade: Uma tentativa de levantamento de determinantes de solidão. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, PUC, Campinas.	- Psicanálise (M. Klein). - Análise antropológica e social sobre o afastamento da mulher idosa.	- Levantar relatos sobre vivência e estado de solidão na velhice e ao longo de história de vida de mulheres idosas.
GABRIEL, J.R. (1984). Saúde mental e aposentadoria. Dissertação de Mestrado em Psicologia clínica, IBS, S. Bernardo do Campo.	- Não são claros. - Aposentadoria como evento de transição, gerador de depressão, ansiedade, irritabilidade. - Adaptação à aposentadoria depende de saúde, status sócio econômico, leitur, concepções filosóficas e religiosas, decisão de aposentar-se (ou compulsividade/necessidade) e planejamento de aposentadoria. - Discute relação entre o trabalho e a saúde mental e entre velhice e aposentadoria. - Menciona crise de identidade.	- Levantar características psicológicas dos aposentados e suas relações com aspectos físicos e sócio-econômicos. - Demonstrar que a aposentadoria representa realmente um período crítico para a vida mental do indivíduo - (p. 87).
WAGNER, E.C. de A. e M. (1985). Avaliação dos movimentos de consciência de idosos através de seus discursos relatados de forma literária. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, PUC, São Paulo.	- Sociológica marxista sobre determinação da marginalidade social do velho pela sociedade de consumo. - Psicológica marxista sobre origem de linguagem, consciência, pensamento e representações sociais.	- Avaliar o nível de consciência de idosos, sobre seu envelhecimento, através de suas produções escritas.

CADERNOS DA ANPEPP

SUJEITOS	PROCEDIMENTOS	RESULTADOS
5 idosos isolados (dentre 16 apontados como "aptos", de um asilo).	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevistas livres. - Observações participantes. 	<ul style="list-style-type: none"> - O discurso da velhice como negação do vivido. - O velho é infantilizado. - Fica à mercê do poder médico que define saúde e doença, o que é permitido e o que é interdito (ex.: a sexualidade). - O velho isolado é despersonalizado.
10 mulheres, de 50 a 72 anos de idade, sendo 4 solteiras	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevista estruturada sobre questões envolvendo vivências de infância, adolescência, vida adulta, casamento e velhice. 	<ul style="list-style-type: none"> - Todas relataram solidão na velhice. - As que se revelaram mais solitárias foram as que tinham a solidão como aspecto inerente à sua vida afetiva. - As que não trabalhavam ou não trabalhavam foram as mais solitárias.
80 homens aposentados (por idade, invalidez ou tempo de serviço), de qualquer idade, localizados em filas de espera de dois postos do INAMPS, sendo um da zona sul e outro da zona norte da cidade de São Paulo	<ul style="list-style-type: none"> - Entrevista livre mais exame psiquiátrico (não descrito claramente). 	<ul style="list-style-type: none"> - Os dados não são agrupados por eventuais variáveis dos sujeitos. - Resultados do exame psiquiátrico não quantificados. - Reflete impressionista e opinativo confirmando o que está implícito no segundo objetivo.
Fonte de informação: 9 crônicas sobre o passe especial para idosos na cidade de São Paulo, escritas por usuários de mais de 65 anos.	<ul style="list-style-type: none"> - Análise de discurso. 	<ul style="list-style-type: none"> - Idealizações positivas sobre a própria juventude e a velhice de outrora. - Visões negativas sobre velho e velhice - marginalização, negação da velhice, sentimento de impotência diante do "poder jovem", velhice como ameaça. - Ambigüidades quanto ao próprio valor e possibilidades de integração e satisfação e quanto ao "poder jovem".

CADERNOS DA ANEPP

REFERÊNCIA	FUNDAMENTOS TEÓRICOS	OBJETIVOS
<p>PAIVA, V.M.B. (1985). A velhice e o corpo na opinião de homens e mulheres na meia idade e na velhice. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, PUC, Campinas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sócio-interacional de Neugarten quanto a meia-idade, identidade e papéis. - Aprendizagem social de papéis sociais e auto-conceito. - Tarefas evolutivas - Havighurst. - Continuidade do desenvolvimento na velhice. - Questões demográficas no Brasil (envelhecimento populacional). 	<ul style="list-style-type: none"> - Investigar conceitos de velhice e corpo e as relações entre esses dois conceitos em homens e mulheres na meia-idade e na velhice.
<p>EL HAOUJI, S. (1986). Depoimentos de pais e mães com referência a parentalidade e a vida adulta, por ocasião da saída dos filhos de casa. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, PUC, Campinas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A saída dos filhos de casa como evento de transição na vida dos pais. Adaptação depende de fatores ligados à construção da própria identidade (enfoque psicanalítico). - Sócio-interacional de Neugarten quanto à meia-idade, transição, aprendizagem de novos papéis. - Discute a noção de "Síndrome do ninho vazio" da literatura gerontológica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Levantar experiências e sentimentos com relação à preparação para o evento, à sua concretização, a relação dos pais com os seus progenitores, à relação atual e anterior com os filhos, à relação atual com o cônjuge e à lembranças.
<p>CRUZ, M.Z. da (1987). O idoso e a estimativa de tempo. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, USP.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estereótipos negativos sobre o idoso (literatura empírica). - Dimensões sociais e culturais da temporalidade (discurso generico-sociológico). - Questões demográficas. - Enfoque marxista à condição do idoso. 	<ul style="list-style-type: none"> - Comparar a estimativa de tempo de idosos institucionalizados e não-institucionalizados, de alto e baixo poder aquisitivo. - Caracterizar sua percepção de tempo passado, presente e futuro.

CADERNOS DA ANPEPP

SUJEITOS	PROCEDIMENTOS	RESULTADOS
<p>40 - 20 de 45 a 59 anos - 20 de 60 a 70 anos, sendo 10 homens e 10 mulheres em cada subgrupo etário.</p>	<p>Aplicação de escala nos modelos do Diferencial Semântico com 24 pares de adjetivos, cobrindo atividade, valor social e adaptação e avaliando: "o meu corpo é"; "o corpo do velho é"; "o velho é" e "a minha velhice é".</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As mulheres em geral são mais negativas que os homens quanto a velhice e corpo. - Os de meia-idade são mais positivos que os idosos. - Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas quanto a sexo e a idade nos conceitos avaliados.
<p>20 mulheres de 46 a 66 anos e 11 homens de 52 a 72 anos.</p>	<p>Entrevista estruturada.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Predominância de relatos de sentimentos de perda entre as mulheres e entre as não preparadas para o evento. - A maioria dos homens relataram sentir-se preparados. - Melhorias na relação com o cônjuge e o filho. - Mães procurando atividades compensatórias fora de casa. - O evento suscita avaliação da parentalidade e do relacionamento passado, com relatos a sentimentos de culpa em mães que trabalham fora.
<p>120 - 60 homens - 60 mulheres independentes e ativos, sendo 30 de um asilo (baixa renda), 30 moradores de um conjunto do BNH (baixa renda), 30 frequentadores de uma colônia de férias de praia (renda alta) e 30 de um grupo de lazer do SESC.</p>	<p>Entrevista avaliando estimativa de tempo em 5 episódios envolvendo movimento de caminhar e 5 envolvendo atividades sedentárias; a estimativa de tempo passado, presente e futuro em termos de "rápido/devagar", percepção de si na atualidade; vantagens e desvantagens de ser idoso e lembranças no tempo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Grupos mais ativos com vida mais estruturada estimam melhor o tempo. - O passado passou mais depressa que o presente. - O tempo futuro é "curto". - A velhice atual é pior que a de antigamente. - A sua juventude é melhor do que a atual e do que a velhice. - Ser idoso é bom quando a pessoa é ativa e integrada.

CADERNOS DA ANPEPP

REFERÊNCIA	FUNDAMENTOS TEÓRICOS	OBJETIVOS
<p>NERI, A.L. (1988). Envelhecer num país de jovens. Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Tese de Livre Docência em Apr. Humana, Depto. Psicologia da Educação, UNICAMP.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sobre temporalidade - discute a questão de estágios do desenvolvimento sob os prismas fenomenológico, intercomportamental e dialético. - sobre atitudes em relação à velhice - discute questões metodológicas, o "ageism" na pesquisa e revê a pesquisa empírica. - Sobre continuidade no desenvolvimento. - Erikson. - Behaviorismo social (atitudes). 	<ul style="list-style-type: none"> - Levantar dimensões de atitudes em relação a velho, velhice e perspectiva da própria velhice em brasileiros não-idosos. - Verificar opiniões sobre categorização etária. - Buscar relações múltiplas entre variáveis dos sujeitos, atitudes e opiniões sobre categorização etária. - Buscar relações entre os conceitos analisados.
<p>MEDEIROS, E.A.C. (1990). A vivência e a representação da imagem corporal em mulheres de idade avançada. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, USP.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Psicanalítica (Freud). - Psicodinâmica (Machover). 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliar a auto-imagem corporal de mulheres idosas.
<p>OLIVEIRA, L.J.T. de (1990). Vivências de velhice: identidade e aposentadoria. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, USP.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conceito de identidade de Erikson. - Enfoque psicossocial quanto à velhice, do ponto de vista individual, social, cultural, econômico. - Considerações sociológicas gerais sobre o ingresso da mulher no mercado de trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Levantar informações sobre vivências de velhice em mulheres idosas aposentadas e sua relação com identidade; verificar opiniões de pessoas de diferentes faixas etárias sobre aposentadoria e velhice.
<p>FRAIMAN, A. (1990). Nós e nossos velhos: forças que falam e forças que se calam. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica da USP.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Psicanalítico, com referência à fenomenologia e a perspectiva de curso de vida. - Teoria sociológica de atividade. - Discute conceitos de velhice biológica, psicológica e social e de desenvolvimento x envelhecimento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Relatar as opiniões e vivências pessoais e profissionais da autora quanto à realidade de velhice, sua relação com trabalho e aposentadoria e as possibilidades de satisfação e integração através da atividade, educação e lazer.

CADERNOS DA ANPEFF

SUJEITOS	PROCEDIMENTOS	RESULTADOS
<p>- 4.300 sujeitos voluntários, de 13 a 45 anos, reunidos em 4 faixas etárias e agrupados por sexo, escolaridade, profissão, profissão de pai e região geográfica de residência.</p> <p>- Amostra estratificada por</p>	<p>- Aplicação em grupo de um formulário contendo: 1. questão sobre a idade do início da velhice; uma escala diferencial semântica avaliando os conceitos "o velho é" e "quando eu for velho eu serei"; o Inventário Sheppard de Atitudes em relação à velhice.</p> <p>- Análise fatorial.</p>	<p>- A maioria dos sujeitos localizou a velhice após os 60 anos; cerca de 30% classificou-a como "estado de espírito".</p> <p>- Não houve correlações entre os itens dos instrumentos para nenhum dos conceitos avaliados e as variáveis consideradas.</p> <p>- As atitudes são em geral positivas, mas ligeiramente negativas quanto as dimensões autonomia-dependência, valorização-desvalorização e adaptação-desadaptação.</p> <p>- Os conceitos são independentes.</p>
<p>- 50 mulheres de 50 a 75 anos, sendo 29 frequentadoras de um grupo de lazer do SEC e 21 não.</p>	<p>- Aplicação do Teste de Figura Humana de Machover - Van Kolck.</p>	<p>- As mulheres ativas são mais integradas e têm menos conflitos com o corpo que as não ativas.</p>
<p>- 7 professoras aposentadas.</p> <p>- 100 pessoas de 18 a 82 anos.</p>	<p>- Entrevista livre.</p> <p>- Questionário.</p>	<p>- Velhice como fase crítica e aposentadoria como fato traumático. Sentimentos de isolamento e ressentimentos.</p> <p>- Os mais novos que apresentam sentimentos negativos em relação à aposentadoria. Os dados dos mais velhos confirmam em geral os dados das professoras.</p>
<p>- Não se aplica.</p>	<p>- Pesquisa bibliográfica.</p> <p>- Análise das próprias experiências.</p>	<p>- Trabalho tipo dissertação, de natureza analítica e avaliativa.</p>

CADERNOS DA ANPEPP

- 2ª) A fundamentação teórica excede de tal forma o âmbito psicológico, resvalando para o senso-comum, que em alguns casos é difícil identificar um discurso propriamente psicológico.

Os conceitos veiculados em geral refletem teorias sociológicas e antropológicas, com predominância das do afastamento⁽³⁾, atividade⁽⁴⁾, quebra de competência social⁽⁵⁾, marxista⁽⁶⁾ e da modernidade⁽⁷⁾.

Os temas mais focalizados são coerentes com essas formulações, predominando um discurso de perdas (exemplos: em auto-estima e auto-conceito), crise (de identidade de papéis), sentimentos negativos, percepções sociais, representações, ideologia, opiniões, atitudes, preconceitos, e estereótipos (em geral negativos).

A fundamentação psicanalítica é a mais presente, com destaque para a teoria de Erikson. Os três trabalhos citam o enfoque de curso de vida de Neugarten⁽⁸⁾, dois referenciam o enfoque fenomenológico sobre temporalidade e um a perspectiva dialética de Riegel⁽⁹⁾ sobre o envelhecimento e sobre noção do tempo.

As perdas biológicas acarretadas pelo envelhecimento aparecem arroladas em vários trabalhos sem porém uma fundamentação teórica que lhes dê sentido, nem menção a pesquisas recentes ou a contradições na área.

Outro assunto que permeia com frequência os trabalhos é a demografia do envelhecimento, em geral para justificar a realização do estudo, uma vez que, argumenta-se, o envelhecimento populacional e o aumento da expectativa de vida individual na velhice são fatos, é importante conhecer essa "nova realidade".

O recurso à tal variedade de discursos e argumentos - em geral utilizados de maneira prescritiva (Exemplos: a Psicologia ou a sociedade deveriam ou não deveriam pensar ou fazer isto ou aquilo em relação ao idoso) - dão bem a medida da complexidade das questões em estudo.

CADERNOS DA ANPEPP

A consideração de perspectivas biológicas e sociológicas, bem como de vários enfoques dentro da Psicologia é pertinente ao estudo do envelhecimento, que, cada vez mais, fora do Brasil, encaminha-se para a multi e interdisciplinariedade.

É porém importante não perder de vista o impacto das variáveis consideradas pelas diferentes disciplinas psicológicas sobre o envelhecimento e o comportamento psicológico na velhice. Seria interessante também buscar maior coerência entre teorias e métodos, bem como não confundir a linguagem e os métodos de outras áreas com os da Psicologia.

3ª) Os trabalhos analisados veiculam um discurso sobre velhice cujas principais marcas são:

- A velhice é um problema ou questão a ser resolvida, pela sociedade e pelo indivíduo.
- A velhice acarreta déficits comportamentais, depressão, afastamento, solidão, ressentimento, sentimentos de inferioridade; problemas de relacionamento, confusão mental, problemas de memória, perdas de papéis, queda na auto-estima, dificuldades gerais de adaptação.
- A infância e a adolescência são caracterizadas por ganhos e a velhice por perdas.
- As perdas da velhice são universais, inevitáveis e irreversíveis.
- O envelhecimento e as perdas que acarreta são biologicamente determinados.
- Existe um paralelismo entre o envelhecimento psicológico, o social e o biológico.
- A velhice é em geral definida em termos cronológicos e raramente são interpostos argumentos em favor da adoção de critérios funcionais, sociais e biológicos.
- A condição do velho enquanto categoria etária não se distingue da condição de velhos indivíduos.

CADERNOS DA ANPEPP

ais. Ou seja, os problemas da velhice atingem indiscriminadamente as pessoas independente de sexo, raça, escolaridade, renda, classe social, profissão, saúde, história passada, personalidade, inteligência, experiência etc.

- Uma velhice bem sucedida depende da capacidade de cada um quanto a manter-se ativo e engajado.
- A condição precária do velho é fruto das relações de trabalho e dos padrões de consumo típicos do capitalismo. Não fossem esses fatores, sua condição seria tão boa quanto a dos velhos das sociedades primitivas, históricas, patriarcais e orientais, nas quais é valorizado e respeitado.
- Predominam preconceitos e atitudes negativas em relação à velhice, na sociedade e nos indivíduos.
- É importante estudar a velhice no Brasil, já que os dados e projeções demográficos apontam para o início do envelhecimento populacional.
- É importante resgatar que esse é um momento do desenvolvimento humano.

Semelhantes concepções acerca da velhice foram dominantes na literatura internacional até os anos 50 pelo menos. Depois foram severamente criticadas e da crítica redundaram aperfeiçoamentos metodológicos e teóricos, principalmente a partir de um movimento de rejeição ao preconceito existente na ciência⁽¹⁰⁾.

De área lastreada pelo modelo médico, de caráter empiricista e enquanto disciplina não unificada por teorias e metodologias específicas, a Psicologia do Envelhecimento dos anos 1980 e 1990 passou a se organizar em subáreas interligadas, com interfaces com outras ciências do envelhecimento. Necessário se faz que essas informações passem a circular no Brasil, a partir da Universidade.

- 4*) A grande maioria das pesquisas analisadas é descritiva, realizada com amostras pequenas e não aleatórias, o que acarreta menor possibilidade de

CADERNOS DA ANPEPP

generalização dos dados obtidos.

- 5º) De um modo geral, com raras exceções, os estudos não se baseiam em levantamentos e análises de pesquisa empírica estrangeira e nacional. Há citações em geral antigas e não organizadas de forma sistemática. Este é um indicador negativo do caminhar de nossa pesquisa, denotando um estado de isolamento prejudicial à geração de conhecimento.
- 6º) Raramente os estudos analisados se detêm na questão dos riscos representados pelos preconceitos e vieses da ciência e do pesquisador, a qual vem sendo debatida em termos ideológicos e metodológicos desde o início dos anos 1970 (Schaie, 1988).

FATORES QUE CONTEXTUALIZAM O INTERESSE POR QUESTÕES LIGADAS À VELHICE NO BRASIL

A velhice vem ganhando visibilidade cada vez maior no Brasil. As faces mais nítidas do processo talvez sejam a movimentação dos aposentados por pensões mais dignas e a proliferação das "universidades da terceira idade" em várias instituições nacionais de ensino superior.

Há no entanto outros fatores importantes dentre os quais se pode ressaltar os seguintes:

- 1º) A emergência de grupos de idosos educacional e economicamente mais diferenciados. Embora minoritários, eles começam a se fazer ouvir no cenário social.
- 2º) Estariam se fazendo sentir os efeitos de longo prazo da conscientização social promovida pelo SESC que, desde os anos 1970, vem liderando movimentos pró-ativação e educação de idosos e de difusão de informações sobre o envelhecimento. Concomitantemente, militantes sindicais, políticos, profissionais e aposentados vêm somando esforços

CADERNOS DA ANPEPP

a essas iniciativas.

- 3º) A abertura da universidade para o cidadão idoso, talvez mais do que um movimento de dentro para fora, seria resultado da pressão da sociedade e de cidadãos mais velhos, em busca de oportunidades educacionais e de engajamento social.
- 4º) A pressão exercida pela propaganda no sentido de estabelecer padrões e necessidades jovens quanto ao consumo, estaria contribuindo para o desenvolvimento de aspirações ao engajamento, à continuidade da atividade e à manutenção do status adulto em certas camadas de idosos.
- 5º) Cresce a divulgação científica sobre velhice e suas relações com saúde e bem estar.
- 6º) Cresce a consciência sobre o envelhecimento populacional e a demanda de serviços na área de saúde.
- 7º) Aumenta o conhecimento sobre o fenômeno do envelhecimento populacional e a pressão que isto representa sobre os serviços de saúde, previdência e seguridade social, educação e sobre o mercado de trabalho.
- 8º) Efetivamente mais gente está envelhecendo, permanecerá velho mais tempo e em melhores condições pessoais que os antepassados. Tais fatos por si solicitam mais explicações.

Além disso, a Psicologia e a Medicina parecem deter, para muitos, a chave da "velhice bem sucedida".

A Universidade parece despertar aos poucos da letargia em relação ao tema velhice, mas como se disse, ainda de forma incipiente.

Compreender e lidar efetivamente com qualquer questão social - não só a velhice - depende porém de investimento pesado em recursos humanos para a pesquisa, os quais estabelecem as prioridades em programas voltados para os

interesses coletivos.

No âmbito do estudo sobre a velhice talvez seja necessário começar a formar pessoas, simplesmente ensinando bem sobre o assunto. É importante lembrar que o fenômeno velhice não faz parte do curriculum de escolas médicas e psicológicas.

Necessário se faz aumentar as possibilidades de acesso rápido à informação de intercâmbio entre pesquisadores nacionais, e entre estes e a comunidade científica internacional.

CITAÇÕES

- (1) Por exemplo: Bonn Gerontological Longitudinal Study, liderado por Thomas; Kansas City Studies of Adult Life, liderado por Havighurst, Neugarten e Guttman; Cornell Study of Occupational Retirement, dirigido por Streib e Schneider, e Duke Longitudinal Study of Aging, conduzido por Palmore (Apud Bischof, 1976).
- (2) Trata-se da 3ª edição do Handbook of the Psychology of Aging. (Os anteriores foram publicados em 1977 e 1985). Segundo Smith (1991) este manual revela que a área progrediu da descrição para a explicação, aperfeiçoou construtos teóricos e metodologia e tende mais à interdisciplinaridade.
- (3) Para Cumming e Henry (1961), a velhice implica num afastamento universal, recíproco e inevitável dos papéis adultos. Os velhos reconhecem a necessidade de se afastar em benefício da sociedade.
- (4) Segundo Cavan (1962) e Havighurst e Albrecht (1953) a satisfação na velhice depende da atividade em torno de novos papéis.
- (5) Para Zuzman (1966) o idoso recebe mensagens negativas do ambiente social e incorpora-as ao auto-conceito, produzindo-se um círculo vicioso de feedbacks negativos.
- (6) A aplicação da teoria marxista à interpretação da velhice

CADERNOS DA ANPEP

focaliza as condições econômicas que determinam os problemas ligados ao envelhecimento. As sociedades industriais capitalistas marginalizam o velho ao mesmo tempo que as políticas sociais de apoio à velhice na verdade tendem a fortalecer o poder do Estado e da Ciência que o avaliza (Estes, 1979; Walker, 1981; Olson, 1982).

- (7) Conforme a teoria da modernização (Cowgill e Holmes, 1972), o status do velho decresce com a modernização, aferida por exemplo por índices de alfabetização, urbanização e industrialização.
- (8) Apóia-se no papel desempenhado pelas normas sociais na modelagem do comportamento dos indivíduos, grupos de idade e gerações (Neugarten, 1963, 1969, 1979, 1986).
- (9) O desenvolvimento é explicado por movimentos de sincronia e assincronia entre eventos pertencentes aos domínios biológico, psicológico, social, cultural e ecológico, que determinam constante transformação (Rigel, 1976).
- (10) O preconceito científico contra o idoso, ou "ageism" tem sido combatido a partir dos esforços pioneiros de Butler (1969, 1978 e 1980).

REFERÊNCIAS

- BIRREN, J. E. (1961). A brief history of the psychology of aging. Gerontologist, 1, 69-77.
- BIRREN, J. E. and BENGSTON, V. L. (1988). Emergent theories of aging. NY: Springer.
- BRINGER, J. E. and BIRREN, B. A. (1990). The concepts, models and history of the Psychology of Aging. In: Handbook of the Psychology of Aging. 3rd edition (pp. 3-20). NY: Academic Press.
- BISCHOF, L. J. (1976). Adult Psychology. NY: Harper & Row.
- BÜHLER, C. (1935). The curve of life as studied in biographies. The Journal of Applied Psychology, 19(4), 405-409.

CADERNOS DA ANPEPP

- BUTLER, R. N. (1969). Age-ism: another form of bigotry. Gerontologist, 9. 243-246.
- BUTLER, R. N. (1978). Thoughts of aging. American Journal of Psychiatry, 135. Supt. 14-16.
- BUTLER, R. N. (1980). Ageism: a foreword. Journal of Social Issues, 36(2). 8-11.
- CAVAN, R. S. (1962). Self and role in adjustment during old age. In: A Rose (Ed.) Human behavior and social processes. Boston: Houghton Mifflin.
- COWDRY, E. V. (1939). Problems of aging. Baltimore: Williams & Wilkins.
- COWGILL, D. O. and HOLMES, L. D. (Eds.) (1972). Aging and modernization. NY: Appleton Century Crofts.
- CUMMING, E. and HENRY, W. E. (1961). Growing old: The process of disengagement. NY: Basic Books.
- ESTES, C. L. (1979). The aging enterprise. San Francisco: Jossey-Bass.
- FREUD, S. (1905). La sexualidad infantil e la metamorfosis de la pubertad. In: Tres ensayos sobre teoria sexual. Tomo I da 2ª edição espanhola das Obras Completas (1929). pp. 789-823. Madrid: Ed. Biblioteca Nueva. 1970 (Trad. do alemão por Luiz Lopez Ballesteros y de Torres).
- GALTON, F. (1883). Inquires into human faculty and its development. London: McMillan.
- HALL, S. (1922). Senescence - the last half of life. NY: Appleton.
- HAVIGHURST, R. J. & ALBRECHT, R. (1953). Older People. NY: McKay.
- LAWTON, M. P.; KLEBAN, M. H.; MOSS, M.; ROVINE, M. and GLICKSMAN, A. (1989). Measuring caregiving appraisal. Journal of Gerontology, 44. 61-67.
- LEHR, U. (1988). Psicologia de la senectude. Processo y aprendizaje del envejecimiento. Barcelona: Herder (trad.

CADERNOS DA ANPEPP

do original alemão de 1987).

- MOODY, H. R. (1988). Toward a critical gerontology: The contribution of the humanities to theories of aging. In: J. E. Birren and V. L. Bengtson (Eds.). Emergent theories of aging. NY: Springer.
- MURCHISON, C. (Ed.) (1931). A handbook of child psychology. Worcester, M. A.: Clark University Press.
- NEUGARTEN, B. L. (Ed.) (1986). Middle age and aging: A reader in social psychology. Chicago: University Press.
- NEUGARTEN, B. L. (1969). Continuities and discontinuities of psychological issues into adult life. Human Development, 12. 1221-130.
- NEUGARTEN, B. L. (1973). Personality change in late life: A developmental perspective. In: c. Eisdorfer and M. P. Lawton (Eds.). Life-span developmental psychology: Personality and socialization. NY: Academic Press.
- NEUGARTEN, B. L. (1979). Time, age and the life cycle. American Journal of Psychiatry, 136(7). 887-894.
- OLSON, L. K. (1982). The political economy of aging. Columbia University Press.
- PEARLIN, L. L., TURNER, H. and SEMPLE, S. (1989). Coping and the mediation of caregiver stress. In: E. Loght and B. D. Lebowitz (Eds.). Alzheimer disease treatment and family stress: directions for research. Washington DC: National Institute of Mental Health.
- PIAGET, J. (1930). La Langage et la pensée chez l'enfant. Paris: Delachaux et Niestle.
- PIAGET, J. (1937). La construction du réel chez l'enfant. Paris: Delachaux et Niestle.
- PIAGET, J. (1947). La psychologie de l'intelligence. Paris: Armand Colin.
- PIAGET, J. (1950). Introduction à l'epistemologie genétique. Paris: Presses Universitaires de France (3 vol.).

CADERNOS DA ANPEFF

- PRESSEY, S. L. (1939). Life: A psychological survey. NY: Harper.
- QUETELET, A. (1935). Sur l'homme et le developpement de ses facultés. Paris: Bachelier.
- RIEGEL, K. T. (1976). The dialectics of human development. American Psychologist (oct.), 689-700.
- RIEGEL, K. T. (1977). History of psychological gerontology. In: J. E. Birren & K. W. Schaie (Eds.). Handbook of psychology of aging. NY: Von Nostrand Reinhold (pp. 70-102).
- ROSSI, A. (1980). Life span theories and women's lives. Signs: Journal of Human in Culture and Society, 6(11), 4-32.
- SCHAIK, K. W. (1988). Ageism in psychological research. American Psychologist, 43(3), 179-183.
- SCHULZ, R.; BIEGEL, D.; MORYCZ, R. and V. SINTAINER, P. (1989). Psychological paradigms for understanding caregiving. In: E. Light and B. P. Lebowitz (Eds.). Alzheimer disease treatment and family stress: directions for research. Washington DC: National Institute of Mental Health.
- VITALIANO, P. P., YOUNG, H. M. and ROSSO, J. (1991). Burden: A review of measures used among caregiver individuals with dementia. Gerontologist, 31(1), 67-75.
- WALKER, A. (1981). towards a political economy of old age. Aging and Society, 1, 73-94.
- YERKERS, R. M. (1921). Psychological examining in the United States Army. National Academy of Science. Washington DC.
- ZUSMAN, J. (1966). Some explanations of the hanging appearance of psychotic patients: Antecedentes of the social breakdown syndrome concept. Milibank Memorial Fund Quaterly, 64, 63-84.